

UMA TEMPORADA NO INFERNO COM

OS ROLLING
STONES

Robert Greenfield

UMA TEMPORADA NO INFERNO COM

OS ROLLING
STONES

EXILE ON MAIN ST.

Tradução de Diego Alfaro



ZAHAR

**Para Brian Cookman, que me acolheu em Londres,
quando tanto precisei de um amigo**

Título original:

Exile on Main St.

A Season in Hell with The Rolling Stones

Tradução autorizada da primeira edição inglesa,
publicada em 2006 por Da Capo Press, Cambridge,
Inglaterra

Copyright © 2006, Robert Greenfield

Copyright da edição em língua portuguesa da edição brasileira © 2008:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua México 31 sobreloja

20031-144 Rio de Janeiro, RJ

tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800

e-mail: jze@zahar.com.br

site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Projeto gráfico e composição: Mari Taboada

Capa: Sérgio Campante

SUMÁRIO

Prólogo

Primeiro Ato

Segundo Ato

Seqüelas

Agradecimentos

Referências

“Jadis, si je me souviens bien, ma vie était un festin ou s’ouvraient tous les coeurs, où tous les vins coulaient.”*

ARTHUR RIMBAUD,
Une saison en enfer

“Acho que era só um bando de músicos chapados amontoados em um porão, tentando fazer um disco.”

MICK TAYLOR,
integrante dos Rolling Stones na época

“Foi uma concha da qual surgiu todo tipo de comportamentos incríveis. As pessoas se tornavam elas mesmas. Não dava para mentir lá dentro. A onda era muito forte. Iriam te descobrir num instante.”

TOMMY WEBER,
um dos convidados em Villa Nellcote

* “Outrora, se bem me lembro, minha vida era um banquete em que todos os corações se abriam, em que todos os vinhos corriam.” (N.T.)



**Keith Richards com flores
em um café no porto.
Villefranche, julho de 1971.**

A época

Com base em qualquer critério que venhamos a escolher, o período que começou em 18 de setembro de 1970, dia da morte de Jimi Hendrix em Londres por abuso de drogas, seguida, menos de três semanas depois, pela morte de Janis Joplin por overdose de heroína em uma esplanada de beira de estrada em Hollywood, seguida, nove meses mais tarde, pela morte de Jim Morrison em Paris, também por uso excessivo de heroína, é considerado o pior de todos na história do rock. No curto espaço de dez meses, que constituíram um *annis horribilis* arquetípico, três dos maiores talentos do rock 'n' roll acabaram com as próprias vidas antes de completarem 28 anos. Hoje, o fato de o próprio rock não ter morrido parece um milagre, por menor que seja.

A Guerra do Vietnã ainda se arrastava, a gangue de trambiqueiros e larápios de Nixon apenas começava sua marcha nociva pela Casa Branca, e a Guarda Nacional havia aberto fogo contra estudantes universitários que protestavam contra a guerra em Kent State (foram quatro mortos em Ohio), mas não era só isso. Dava para sentir algo no ar. Era a natureza da época, e ninguém sabia onde se esconder ou como escapar daquilo.

A juventude norte-americana, os filhos da explosão demográfica, a prole da maior geração que o mundo já conhecera, estava em franca revolta contra seus pais. O país estava partido ao meio em termos políticos e culturais, e não havia como negar que os Rolling Stones estavam no olho do furacão. Isso não quer dizer que entendessem melhor que qualquer um o que estava se

passando ao redor deles. Acima de tudo, ser jovem era estar profundamente confuso. Em todos os aspectos.

Marianne Faithfull, cujo visual de cantora de coro a transformara no retrato da geração do início dos anos 1960, antes de se tornar o amor da vida de Michael Philip Jagger, agora podia ser vista completamente chapada, sentada em um muro da St. Anne's Court, no Soho. Mesmo assim, até ela conseguia sentir o que se passava à sua volta. “Notícias terríveis continuavam a surgir das brumas”, escreveria ela 20 anos depois em sua autobiografia, *Faithfull*, que ainda é o melhor livro já escrito sobre os Stones. “Era como ouvir relatos de um campo de batalha distante. Hendrix. Jim Morrison. Janis Joplin. Sharon Tate. Charles Manson. Kent State. Aquilo parecia estar em sintonia com um mundo que se desintegrava. Entrávamos em uma era de desilusão, autodestruição e tragédia. ... Os dias de uso de drogas para expandir da mente tinham acabado. O mundo estava diferente. Uma grande mudança de tom havia acontecido. Era uma sinfonia de Mahler rodopiando loucamente, fora de controle.”

Alguma coisa que já fora muito viva estava morrendo, e ninguém parecia saber o que viria substituí-la. Como sempre, a culpa era dos Stones. Dois anos antes, Brian Jones, que gostava de se referir a si mesmo como “o líder indiscutível dos Rolling Stones”, tornara-se o primeiro grande astro do rock a morrer — afogado, em circunstâncias misteriosas, em sua própria piscina. Em dezembro do mesmo ano, às quatro da manhã, em um show grátis montado no Altamont Motor Speedway, no norte da Califórnia, os Stones fizeram um show em que o isolamento entre a banda e o público era feita por um cordão humano formado por Hell's Angels, que assassinaram um rapaz negro de 17 anos chamado Meredith Hunter. A mídia se apressou em rotular o evento como o término oficial da contracultura, que, segundo seus próprios cálculos, havia começado apenas três meses e meio antes, em Woodstock. A realidade das coisas parecia estar so-

frendo uma espécie de abalo sísmico. E muito poucas pessoas sabiam como lidar com aquilo.

Para o seletto grupo que ocupava o topo da pirâmide do rock, o meio preferencial para lidar com essa moléstia era a heroína. Em 1966, o Cream fora a primeira grande banda de rock inglesa a atingir o ápice do estrelato da contracultura nos Estados Unidos. Dois anos mais tarde, fizeram um show de despedida no Royal Albert Hall, em Londres. Embora não tocassem mais juntos, o guitarrista da banda, Eric Clapton, o baixista Jack Bruce e o baterista Ginger Baker estavam se picando. Pouco depois, metade da Air Force, a banda seguinte de Ginger Baker, estava morta de overdose. Mas ninguém parecia captar a mensagem. Os programas de desintoxicação, da maneira como os conhecemos hoje, ainda não existiam. A única forma real de intervenção era a morte.

Não é que as pessoas quisessem morrer. Não era bem isso. O que também não queria dizer que esperassem chegar a uma idade madura. “Quem disse que a gente tem que virar ‘setentão’?”, perguntou certa vez Keith Richards, fitando o sol em Villa Nellcote. “Que eu saiba, só há uma fonte de informações que diga isso, e mesmo assim não diz que todo mundo tem que chegar lá. Não dá para todo mundo chegar aos 70.”

Em um mundo que não havia sido feito por ninguém com menos de 30 anos, onde tudo parecia tão irremediavelmente ferrado, tornar-se insensível à dor de ter que acordar todas as manhãs para começar mais um dia fatídico parecia fazer todo sentido. Aceite as palavras de quem estava lá. Não era uma época tão fantástica assim para se viver.

O lugar

Bem-vindo à Villa Nellcote. Você sabe como chegar lá, não é? Vindo de Nice, pegue a Grand Corniche, a estrada alta e sinuosa construída

No entanto, antes que isso chegue a acontecer, Michael Philip Jagger, que várias vezes anunciou aos quatro ventos que jamais se casaria, estraga a festa anunciando que planeja se casar com a adorável Bianca, primeiro em uma cerimônia civil e a seguir na igreja, no vilarejo próximo de St. Tropez, extremamente badalado. Até o término das festividades, ninguém poderá ser perturbado por causa do novo álbum. Como sempre acontece com os Stones, a vida tem prioridade sobre a arte.

5 | Por que será que a decisão de Mick Jagger de se casar com Bianca tem tanta importância no desenrolar das coisas? Engraçado você perguntar. O casamento de Mick é importante porque anuncia ao mundo que uma geração que por tanto tempo discordou das regras habituais de comportamento não está apenas envelhecendo — na verdade, está se entregando. É importante porque em um desses livros imensos que relatam, dia a dia, os eventos que mereceram ser noticiados nos anos 1970, o casamento de Mick é o único fato relacionado ao rock digno de nota nos dois primeiros anos da década. Acima de tudo, é importante porque o casamento de Mick abre o mais profundo abismo até então entre ele e Keith.

Olhe para isso do ponto de vista de Keith. Não é para você se casar, cara. Isso é o que *eles* fazem — todas essas pessoas caretas e chatas que vivem no mundo convencional. Tudo bem, Bill Wyman foi casado, mas ele largou a esposa e agora mora com Astrid. Charlie Watts se casou anos atrás em um cartório, mas Charlie é assim mesmo, não é tanto um filho rebelde dos anos 1960, e sim um jazzista bacana dos anos 1950 que sempre seguiu a idiossincrasia do seu próprio ritmo.

Marianne Faithfull estava grávida do filho de Mick, mas ele nunca se casou com ela. Paul McCartney jamais se casou com Jane

Asher. Eric Clapton nunca se casou com Alice Ormsby-Gore. Brian Jones pode ter tido sete filhos ilegítimos, dando a mais de um dos garotos o nome “Julian”, em homenagem ao grande Cannonball Ad-derley, mas também não se casou. Nem uma única vez. Na época em que Brian e Anita estavam juntos, nenhum dos dois um dia considerou a questão a sério. Era careta demais, convencional demais, absolutamente burguês.

Keith jamais se casou com Anita, mas Marlon é seu filho e eles o amam da mesma forma que o amariam se a união deles tivesse sido legitimada pelo Estado e pela Igreja. Mas em St. Tropez, no mês de maio, Michael Philip Jagger está prestes a se casar com Bianca, a moça de olhos negros e sensuais, de boca cruel e insolente, sempre bonita de se ver, seja sob um amplo chapéu à Daisy Buchanan com a aba da frente abotoada para trás ou com uma brilhante echarpe iridescente com uma pena de pavão, sentada calmamente nos bastidores do palco enquanto o caos absoluto transcorre ao seu redor, segurando nas mãos a longa piteira de marfim na qual fuma seus cigarros.

Tudo bem, Bianca é uma mulher deslumbrante, linda de morrer e impossível de controlar, mas não é nem um pouco rock 'n' roll, está muito mais interessada em todas as sutilezas da etiqueta social que Mick já domina há muito tempo. Além disso, ninguém pode ignorar a evidente semelhança física entre os dois. Como escreveria Marianne Faithfull mais tarde, “... em maio de 1971, Mick afinal cedeu ao seu narcisismo e se casou... consigo mesmo!”.

Embora a opinião de Marianne possa ter sido ligeiramente influenciada por uma pontada de ciúmes, a mídia logo transforma a decisão de Mick de se casar em uma declaração pública de que sua vida como artista que faz o que bem entender sem se importar com o que as pessoas vão pensar está oficialmente terminada. E apesar do que Keith possa sentir a respeito de tudo isso, não há nada que possa

fazer além de aceitar a oferta de Mick para ser o padrinho e chegar pontualmente no casamento com todos os demais convidados.

Sob a tutela do Abbé Lucien Baud, o pastor da Igreja de St. Anne, em St. Tropez, Mick passou o último mês estudando o catolicismo para que ele e Bianca possam se casar no altar após uma cerimônia civil na prefeitura da cidade. Por razões que só ele conhece, Mick espera até o primeiro ensaio dos Stones na França, em 5 de maio, para contar seus planos à banda. Um dia antes do casamento, como se a idéia tivesse acabado de lhe ocorrer, Mick liga por acaso para Bill Wyman e o convida para a recepção, acompanhado de Astrid. Como não foi convidado para nenhuma das cerimônias, Bill está um pouco chateado. Enquanto isso, Astrid e Rose Taylor compram uma bicicleta com dois selins como presente de casamento para o casal.

Embora a princípio Mick só queira ver amigos próximos na recepção, 75 convidados embarcam em um vôo fretado da Dan Air Comet e viajam de Londres para o casamento. Entre eles, Nicky Hopkins e sua mulher Linda, os pais de Mick, Eva e Basil Jagger, Paul e Linda McCartney, Ringo e Maureen Starr. Paul e Ringo, que na época não estavam se falando, sentam-se em extremos opostos do avião, acompanhados pelo diretor de cinema Roger Vadim, do fotógrafo Lord Patrick Litchfield, de Eric Clapton e Alice Ormsby-Gore, de Ronnie Lane, Ian MacLagan, Kenney Jones, Ronnie Wood, Marshall Chess, Jimmy Miller, Glyn Johns, Stephen Stills e das cantoras Doris Troy e P.P. Arnold. Referindo-se a esse vôo, Anna Menzies, do escritório dos Stones, diria posteriormente: “Se tivesse caído, a indústria da música teria acabado.”

Como sempre, Tony Espanhol se junta ao passeio. Ao telefone, Mick lhe pediu que trouxesse três gramas de pó da Inglaterra. “Sem isso não vou agüentar esta.” Alistando um amigo para servir de mula, Tony faz com que a mercadoria chegue até Mick no Hotel Bibylos, em St. Tropez, depois que (ao menos é o que conta Tony) Keith e

Anita se apossaram do estoque pessoal que ele mantinha. Tendo em vista o extravagante presente de casamento comprado por Tommy Weber, Tony também pode ter mentido neste ponto, mas é realmente difícil imaginar por qual outro motivo ele estaria no avião.

Segundo Tony, o próprio noivo está um tanto pensativo ao considerar as núpcias que se aproximam: “Esta porra não vale toda a trabalhadeira que dá”, teria dito Mick. Ele parece estar se referindo à briga furiosa que teve com Bianca por causa do acordo pré-nupcial que ele insistiu que ela assinasse, de modo que, se um dia decidirem se separar, ela não tenha direito a 50% de tudo que ele possui, conforme a lei francesa. Depois de uma boa dose de discussão, ela por fim concorda.

Ainda que Mick acredite que fez o máximo possível para manter o casamento em segredo, os tablóides ingleses já sabem do evento e vieram em massa para a cobertura. Antes que o vôo fretado parta do aeroporto de Gatwick, os repórteres entrevistam todas as pessoas que encontram, entre elas Tony Espanhol. Como uma matilha de cães em uma caça à raposa, querem saber tudo sobre aquele que será o casamento pop do ano, para não dizer da década.

Embora a cerimônia civil esteja marcada para começar às quatro da tarde, tanto o noivo como a noiva se atrasam, dando assim ao prefeito de St. Tropez, Marius Estezan, bastante tempo para conceder entrevistas e posar para a horda de jornalistas presentes na prefeitura. Passam-se 20 minutos. Quando Les Perrin, o velho e sofrido assessor de imprensa dos Stones, liga para Mick no Hotel Bibylos a fim de lhe descrever a cena, Mick grita: “Livre-se deles! Se essa multidão toda estiver aí, não caso.”

Com a ajuda de Jerry Pompili, o antigo gerente do Fillmore East que começou a trabalhar com os Stones durante a turnê de despedida da Inglaterra, e do assistente pessoal de Mick, Alan Dunn, que começou a trabalhar na estrada com Dusty Springfield e agora cuida da logística dos Stones sempre que eles estão em

turnê, Perrin tenta esvaziar o salão. Para seu profundo desapontamento, logo fica sabendo que, como estão na França e a cerimônia está ocorrendo em um edifício público, a lei determina que todos têm o direito de estar ali. Para agravar a situação, o prefeito Estezan anuncia: “Se a noiva e o noivo não estiverem aqui até as quatro e meia, vou embora e não haverá casamento.” Perrin telefona para Mick e dá a notícia. Ele responde: “Putá merda! Quem dera eu nunca tivesse dito que ia me casar.”

Mick e Bianca afinal chegam à prefeitura, sendo então saudados por mais de 100 fotógrafos, repórteres e câmeras que brigam pelos melhores lugares sob o calor escaldante para tentar registrar aquele momento. A cena é absolutamente insana. Os flashes são disparados e os jornalistas gritam, fazendo perguntas a Mick e Bianca em diversas línguas.

Segundo Tony Espanhol, Mick murmura: “Que se foda. Não vou seguir com isto.” Para delírio dos fotógrafos, Bianca começa a chorar. Perrin, que parece um tanto arrebatado com a situação, que exige alguma espécie de resgate emocional, sussurra na orelha de Mick que ele precisa ir em frente e terminar a cerimônia de uma vez por todas. Mick diz aos fotógrafos que tirem fotografias e depois os deixem em paz. “Eles tiraram as fotos”, conta Tony Espanhol, “mas acabaram ficando ali assim mesmo.”

Com um aprumado chapéu de abas brancas adornado com botões de rosas e um terninho branco, feito por Tommy Nutter, que revela um decote estonteante, Bianca entra na prefeitura e assina o registro como “Bianca Rose Perez-Mora”. Ela escreve que tem 26 anos, apesar de ter dito a Mick oito meses antes, quando se conheceram, que ainda não fizera 21.

Depois que os noivos entram, Jerry Pompili assume uma posição em frente à porta de entrada da prefeitura, ao lado do delegado de St. Tropez, um homem magro e careca que Pompili descreveria

mais tarde como “um sósia do ator francês Jean Louis Trintignant”. É só nesse momento que o padrinho chega à cerimônia. Por razões que só ele conhece, Keith usa calça preta justa e uma blusa de jérsei sob jaqueta militar verde. “Keith veio subindo até a porta”, relembra Pompili, “e o delegado o segurou. Estavam ali em pé estrangulando um ao outro e gritando, cada um na sua língua. Tive que separá-los. O policial não fazia idéia de quem seria aquele cara. Você conhece o Keith. Ele parecia estar a caminho de um show.”

Quando finalmente consegue entrar no edifício, Keith senta-se ao lado da noiva, acompanhado por Anita e Marlon, assim como da atriz Nathalie Delon, ex-mulher do astro Alain Delon, e de Roger Vadim, que são amigos de Bianca dos tempos que ela passou em Paris com Eddie Barclay. Agora que o padrinho está presente, o casamento pode começar. O prefeito realiza a cerimônia civil e então chega o momento de todos partirem para a igreja de St. Anne, onde Bianca entrará acompanhada por lorde de Litchfield ao som da música-tema de *Love Story*. Tommy Weber também está presente, com seus dois filhos de oito e seis anos de idade, Jake e Charlie.

Embora Anita diga posteriormente a John Perry que Tommy Weber foi ao sul da França com “um monte de gente” e que contou ter “dirigido até lá” em um trailer cigano roubado quatro meses antes, no Festival de Glastonbury, do cantor inglês de música folk Donovan, Weber não tinha absolutamente nada a ver com essa história — ele viajou de avião de Londres até Nice, passando pela Irlanda. Ainda que, neste ponto da vida, Weber tenha apenas um ligeiro contato social com a cocaína, traz com ele, como presente de casamento, cerca de meio quilo do pó branco escondido em bolsinhas de dinheiro presas aos corpos dos dois filhos pequenos.

Ainda que esse comportamento possa ser visto como abuso infantil hoje em dia, essa trama rende a Tommy Weber respeito ilimitado entre todos os presentes em Nellcote que são adeptos dessa droga.

Além disso, favorece bastante as boas-vindas que Tommy recebe e ajuda a estender a sua permanência. Trinta e cinco anos depois, seu filho Jake lembraria que não temeu nem um pouco por si nem pelo irmão, pois sabia que não seriam revistados ao passar pela alfândega francesa. Em vez disso, estava preocupado com o pai, que, para ele, estava apenas “fazendo um favor a um amigo”. Na cerimônia civil, os dois são postos como pajens.

Apesar de o padre Lucien Bauddemostrar irritação por causa das roupas de Bianca, que chegam a expor os mamilos, ele consegue realizar a cerimônia mantendo seus valores religiosos intactos. E diz: “Vocês disseram acreditar que a juventude busca a felicidade, um ideal e a fé. Acredito que também os estejam buscando, e espero que os encontrem hoje, com seu casamento. Mas quando se trata de uma personalidade como Mick Jagger, não se pode esperar ter privacidade no casamento.” Jamais foram ditas palavras mais verdadeiras. Antes de o dia terminar, Keith já terá brigado quatro vezes tentando comparecer às núpcias de seu melhor amigo.

Por julgar que a Igreja é “indefensável”, Jerry Pompili permanece do lado de fora como um soldado em guarda, cobrindo a porta de entrada para que as pessoas não entrem enquanto a cerimônia é realizada. Quando Mick e Bianca saem da igreja, Pompili e Alan Dunn escoltam o alegre casal até um Bentley que os espera, estacionado na rua a cerca de 50 metros. Determinados a conseguir a fotografia que lhes dará fama mundial, os paparazzi avançam em direção ao carro, amontoando-se o mais perto que conseguem. Abrindo caminho com os cotovelos, eles esbarram, empurram e praguejam.

Como literalmente não é capaz de abrir a porta do Bentley para a noiva e o noivo, Pompili empurra um fotógrafo italiano para o lado. O fotógrafo vai à forra e o atinge com a câmera na cabeça. Com sangue escorrendo pelo rosto, Pompili agarra o agressor e o joga com

tanta força contra o pára-lama do Bentley que chega a amassá-lo. O carro então acelera. Agora que as cerimônias oficiais do dia terminaram, a festa pode começar.

No Café des Arts, cerca de mil pessoas, Brigitte Bardot entre elas, estão prontas para celebrar. Ainda coberto de sangue, Pompili está organizando a festa quando Keith o agarra e diz: “Beleza, vamos dar uma grande canja no palco. Veja se consegue envolver todo mundo nisto.” Considerando-se os talentos presentes na festa, aquele poderia ser o encontro supremo das superestrelas do rock inglês, reunidas em um único palco para comemorar o casamento da mais famosa de todas as superestrelas do rock inglês.

Deixando Keith em sua área privativa na sacada, Pompili parte para reunir os músicos. Naturalmente, todos os convocados dizem que ficarão muito felizes em se juntarem a Keith no palco. Quando volta para dar a boa notícia a Keith, Pompili descobre que o padrinho está dormindo profundamente. Keith desmaiou. Pela primeira vez na história dos Rolling Stones, o show acontece sem ele.

Depois que Terry Reid toca algumas músicas, Mick sobe ao palco para cantar com Doris Tray, P.P. Arnold, Stills e outros. A noite avança, Basil e Eva Jagger vão embora sem sequer entregarem o presente que trouxeram para o filho. Nem um pouco contente com o modo como foi ignorada por seu marido, Bianca volta sozinha para o Hotel Bibylos. Em algum momento durante a noite, Keith Moon entra pela janela da suíte dos noivos. Tempos depois, Bianca dirá: “Meu casamento terminou no dia em que começou.”